

AUTOR DA SÉRIE
O Mochileiro
das Galáxias

DOUGLAS ADAMS

AGÊNCIA DE
INVESTIGAÇÕES
HOLÍSTICAS

DIRK
GENTLY



capítulo 1

Dessa vez, não haveria testemunhas.

Dessa vez, era apenas a terra morta, o estrondo de um trovão e o começo daquela garoa incessante que parece acompanhar tantos dos acontecimentos mais solenes do mundo.

As tempestades do dia anterior e do dia antes desse haviam passado, assim como as enchentes da outra semana. O céu continuava carregado, mas tudo o que de fato caía na penumbra de fim de tarde era um tipo deprimente de chuvisco.

O vento soprava pela planície que escurecia, atravessando com dificuldade as colinas baixas e ganhando força ao cruzar um vale raso onde uma estrutura se erguia, uma espécie de torre, solitária e inclinada em um pesadelo feito de lama.

Era uma construção atarracada e enegrecida. Brotava como uma erupção de magma de um dos fossos mais pestilentos do inferno e pendia em um ângulo estranho, como se oprimida por algo mais terrível do que seu considerável peso. Parecia uma coisa morta, e morta há muito tempo.

O único movimento vinha do rio de lama que passava pela torre e se arrastava vagarosamente ao longo do fundo do vale. Cerca de 1,5 quilômetro mais à frente, o rio descia por uma ravina e sumia debaixo da terra.

À medida que escurecia, porém, ficou óbvio que a torre não era sem vida. Uma luz vermelha e fraca oscilava nas suas profundezas.

Ela era apenas ligeiramente visível – só que, é claro, não havia ninguém para vê-la, nenhuma testemunha, não dessa vez –, mas não

deixava de ser uma luz. No intervalo de alguns minutos, ficava um pouco mais forte e brilhante, então esmaecia lentamente, até quase se apagar. Ao mesmo tempo, um ruído baixo e penetrante era propagado pelo vento, intensificando-se até uma espécie de clímax uivante, para depois se abrandar e sumir, resignado.

O tempo passou e outra luz surgiu: uma menor, móvel. Ela apareceu ao nível do solo e descreveu um trajeto oscilante ao redor da torre, parando algumas vezes no meio do caminho. Por fim, voltou a se ocultar no interior da estrutura, assim como o vulto quase imperceptível que a carregava.

Uma hora depois, a escuridão era total. O mundo parecia morto; a noite, absolutamente vazia.

Em seguida, o brilho ressurgiu perto do topo da torre, ganhando força com mais determinação. Logo chegou ao grau de luminosidade que havia alcançado antes, depois continuou a se intensificar. O som penetrante que o acompanhava aumentou, ficando mais agudo e estridente, tornando-se um grito de agonia. O berreiro prosseguiu até se transformar em um ruído ofuscante e a luz virou uma vermelhidão ensurdecidora.

De repente, ambos cessaram.

Houve um milissegundo de escuridão silenciosa.

Uma nova luz muito pálida brotou, dilatando-se, das profundezas da lama debaixo da torre. O céu se fechou, uma montanha de lama entrou em convulsão, terra e céu gritaram um contra o outro, tudo ficou terrivelmente rosa, subitamente verde, longamente alaranjado, manchando as nuvens, e então a luz se apagou e a noite mergulhou enfim numa escuridão profunda e horripilante. Não havia mais nenhum som além de um leve gotejar de água.

Pela manhã, o sol nasceu com um brilho insólito em um dia que era, ou parecia ser, ou pelo menos teria parecido se houvesse alguém ali para quem ele pudesse parecer alguma coisa, mais quente, mais claro e mais reluzente – um dia, em todos os aspectos, mais vivo do que qualquer outro que tivesse existido antes. Um rio límpido corria pelos escombros do vale.

E o tempo começou a passar de verdade.

capítulo 2

No topo de um promontório rochoso, um Monge Eletrônico estava montado em uma égua entediada. Debaixo de seu capote grosseiro, olhava sem piscar para o vale abaixo, com o qual tinha um problema.

O dia estava quente, o sol pairava em um céu vazio e nebuloso e castigava as pedras cinzentas e a grama esparsa e crestada. Nada se movia, nem mesmo o Monge. O rabo da égua se mexia um pouco, balançando de leve para tentar deslocar um pouco de ar. Fora isso, nada se movia.

O Monge Eletrônico era um utensílio feito para poupar trabalho, como um lava-louça ou um videocassete. O primeiro se encarrega da tediosa tarefa de lavar pratos, poupando a pessoa de executá-la com as próprias mãos; o segundo tem a chata função de ver TV, poupando o indivíduo do trabalho de olhar para ela com os próprios olhos; Monges Eletrônicos acreditam nas coisas por você, livrando-o daquela que vinha se tornando uma tarefa cada vez mais árdua: acreditar em todas as coisas em que o mundo espera que você acredite.

Infelizmente, esse Monge Eletrônico tinha dado defeito e começara a crer em todo tipo de coisas, de forma mais ou menos aleatória. Estava inclusive começando a acreditar em coisas em que até as pessoas de Salt Lake City têm dificuldade em acreditar. Ele nunca tinha ouvido falar em Salt Lake City, é claro. Tampouco ouvira falar de quinquilhões, que era aproximadamente o número de quilômetros entre aquele vale e a tal cidade.

O Monge atualmente acreditava que o vale e tudo o que havia nele, incluindo o próprio Monge e sua égua, eram da mesma cor: um tom uniforme de rosa claro. Isso dificultava um tanto distinguir as coisas, o que, por sua vez, tornava impossível – ou pelo menos difícil e perigoso – fazer qualquer coisa ou ir para onde quer que fosse. Esse era o motivo da imobilidade do Monge e do tédio da égua, que

já precisara aturar muitas tolices na vida, mas, secretamente, tinha a opinião de que aquela era uma das maiores de todas.

Por quanto tempo o Monge acreditaria nessas coisas?

Bem, se você perguntasse a ele, a resposta seria para sempre. A fé que move montanhas, ou que ao menos acredita, contra todas as evidências disponíveis, que elas são cor-de-rosa, era uma fé sólida e duradoura, uma grande rocha contra a qual o mundo poderia atirar tudo o que quisesse, mas não conseguiria abalá-la. Na prática, a égua bem sabia, 24 horas eram em geral o seu prazo de duração.

E que égua era essa, por sinal, que tinha opiniões formadas e ceticismo? Um comportamento incomum para uma égua, não? Seria ela uma égua diferente das outras?

Não. Embora, sem dúvida, fosse um belo e vigoroso exemplar da sua espécie, não passava de uma égua perfeitamente normal, como todas as que a evolução produziu em vários dos lugares em que a vida pode ser encontrada. Os cavalos compreendem muito mais do que deixam transparecer. É difícil ser montado o dia inteiro, todos os dias, por outra criatura e não formar uma opinião a respeito dela.

Por outro lado, é possível ficar sentado o dia inteiro, todos os dias, em cima de outra criatura e não lhe dedicar o menor pensamento que seja.

Quando os primeiros modelos desses Monges foram construídos, era importante que eles pudessem ser reconhecidos como objetos artificiais. Não deveria haver o risco de serem remotamente parecidos com pessoas de verdade. Você não iria querer seu videocassete esparramado no sofá o dia inteiro enquanto assistia à TV. Não iria querer que ele ficasse cutucando o nariz, bebendo cerveja e pedindo pizzas.

Portanto, os Monges foram construídos com especial atenção à originalidade de seu design, mas também de modo que pudessem andar a cavalo com praticidade. Isso era importante. As pessoas, e até as coisas na verdade, pareciam mais genuínas quando montadas a cavalo. Então, considerou-se que duas pernas eram mais adequadas e baratas do que números primos mais normais, como 17, 19 e 23; a pele era de aparência rosada, em vez de púrpura, além de macia e

lisa em vez de irregular e sulcada. Eles também ficavam restritos a uma só boca e nariz, porém ganhavam um olho a mais para compen-sar, o que lhes dava um total de dois deles. Eram criaturas muito, muito estranhas. Mas com uma tendência verdadeiramente extraor-dinária para acreditar nas coisas mais absurdas.

Aquele Monge em especial tinha dado defeito pela primeira vez quando recebeu muitas coisas nas quais acreditar em um só dia. Ele foi conectado acidentalmente a um videocassete que estava vendo onze canais de TV ao mesmo tempo, o que causou uma pane em seu conjunto de circuitos ilógicos. O videocassete precisava apenas assis-tir a esses canais – não precisava acreditar neles. É por isso que ma-nuais de instruções são tão importantes.

Depois de uma semana caótica acreditando que guerra era paz, que o bem era o mal, que a lua era feita de gorgonzola e que Deus precisava que um monte de dinheiro fosse depositado em uma deter-minada conta, o Monge começou a acreditar que 35 por cento de todas as mesas eram hermafroditas e, então, pifou. O homem da loja de Monges Eletrônicos informou que ele precisava de uma placa-mãe nova, mas comentou que os novos e aperfeiçoados modelos Monge Plus tinham o dobro de potência, um novo recurso de Capa-cidade de Negação multitarefas que lhes permitia sustentar dezesseis ideias totalmente diferentes e contraditórias na memória simultanea-mente sem gerar nenhum erro de sistema irritante, eram duas vezes mais rápidos e até três vezes mais falastrões. Além disso, dava para comprar um modelo novo por menos do que custaria substituir a placa-mãe do antigo.

Pronto. Estava feito.

O Monge defeituoso foi despachado para o deserto, onde poderia acreditar no que quisesse, inclusive na sensação de que tinha sido altamente sacaneado. Permitiram que ele ficasse com seu cavalo, já que era muito barato fazê-los.

Durante certo número de dias, que ele acreditou serem 3, 43, 500 e 98.703, o Monge vagou pelo deserto, depositando sua simples con-fiança Eletrônica em pedras, pássaros, nuvens e uma espécie inexis-tente de aspargo-elefante, até enfim chegar lá em cima, no topo

daquele penhasco, contemplando um vale que não era, apesar da sua crença profundamente fervorosa, cor-de-rosa. Nem um pouco.

O tempo passou.

capítulo 3

O tempo passou.
Susan esperou.

Quanto mais Susan esperava, mais a campainha não tocava. Ou o telefone. Ela conferiu seu relógio. Sentia que já chegara a hora em que tinha o direito de ficar irritada. Já estava irritada, é claro, mas isso havia acontecido dentro do seu próprio tempo, por assim dizer. Agora, estavam sem sombra de dúvida no tempo dele, e mesmo dando o desconto do trânsito, de qualquer contratempo, imprevisto e/ou procrastinação, mais de meia hora se passara desde quando ele insistira ser o último minuto em que os dois poderiam sair, então era melhor ela estar pronta.

Susan tentou pensar que algo terrível tivesse acontecido a ele, mas não acreditou nisso nem por um instante. Nada de terrível jamais lhe acontecia, embora começasse a achar que já estava mais do que na hora de acontecer. Se nada de terrível lhe ocorresse logo, talvez ela própria pudesse se encarregar disso. Isso, sim, era uma boa ideia.

Emburrada, Susan se deixou cair na poltrona e acompanhou o noticiário, que a irritou ainda mais. Trocou de canal e assistiu a outra coisa por algum tempo. Não sabia o que era, mas também a irritava.

Talvez devesse telefonar. Pensando bem, era melhor não. E se ele ligasse na mesma hora e não conseguisse completar a chamada?

Susan se recusava a admitir que tinha sequer pensado nisso.

Onde aquele desgraçado havia se metido? Mas quem se importava, afinal? Não ela, com certeza.

Três vezes seguidas ele fizera aquilo. Três vezes seguidas era demais. Furiosa, zapeou pelos canais outra vez. Parou em um programa sobre computadores e alguns novos avanços interessantes na área de coisas que se podia fazer com computadores e música.

Chega. Agora chega. Sabia que tinha dito exatamente isso para si mesma poucos segundos atrás, mas dessa vez era para valer: o último e derradeiro “chega”.

Levantou-se com um salto e foi até o telefone, agarrando com raiva uma agenda de contatos. Folheou-a depressa e discou um número.

– Alô, Michael? Sim, é a Susan. Susan Way. Você disse que eu podia ligar se estivesse livre esta noite e eu falei que preferiria ser encontrada morta em um valão, lembra? Bem, acontece que eu descobri que estou livre, absolutamente, totalmente e completamente livre, e não parece ter nenhum valão decente aqui por perto. Meu conselho é que você aproveite esta chance enquanto pode. Eu estarei no Tangiers Club daqui a meia hora.

Susan calçou os sapatos e vestiu o casaco, deteve-se ao lembrar que era quinta-feira e precisava colocar uma fita nova, extralonga, na secretária eletrônica, e dois minutos depois já havia saído pela porta da frente. Quando finalmente o telefone tocou, a máquina disse com doçura que Susan Way não podia atender no momento, mas que, se a pessoa quisesse deixar um recado, ela retornaria a chamada assim que possível. Ou não.

capítulo 4

Era uma noite fria de novembro como as de antigamente. A lua estava pálida e opaca, como se não devesse estar no céu em uma noite daquelas. Erguia-se a contragosto e pairava como uma

alma penada. Recortadas contra ela, apagadas e nebulosas em meio à umidade que brotava dos pântanos insalubres, destacavam-se as várias torres e torretas da faculdade de St. Cedd's, em Cambridge, um conjunto fantasmagórico de prédios construídos ao longo de séculos, estilo medieval ao lado de estilo vitoriano, Odeon ao lado de Tudor. Só mesmo vistos através da neblina é que eles pareciam remotamente relacionados uns aos outros.

Vultos se apressavam entre esses edifícios, correndo de uma luz fraca para outra, tremendo, deixando rastros espectrais de respiração que se misturavam ao ar frio da noite.

Eram sete horas. Muitas daquelas figuras seguiam para o refeitório da faculdade, que separava o Pátio Principal do Segundo Pátio, e de onde uma luz quente emanava com relutância. Dois vultos pareciam especialmente incompatíveis. Um, o rapaz, era alto, magro e anguloso; mesmo agasalhado com um casaco escuro pesado, andava um pouco como uma garça ofendida.

O outro era pequeno, atarracado e se movia com uma agitação desajeitada, como um bando de esquilos velhos tentando fugir de um saco. Sua idade pendia de “velho” para “totalmente indeterminada”. Se você escolhesse um número ao acaso, ele talvez fosse mais velho do que isso, porém... bem, era impossível saber. Seu rosto era cheio de rugas e o pouco cabelo que escapava de baixo do seu chapéu de esquí de lã vermelha era ralo, branco e tinha suas próprias ideias sobre como queria se ajeitar. Também estava agasalhado com um casaco pesado, mas sobre ele vestia ainda uma bata ondulante com um galão roxo muito desbotado, a insígnia de seu peculiar cargo acadêmico.

Enquanto andavam, o homem mais velho era o único a falar. Ele apontava coisas interessantes pelo caminho, embora estivesse escuro demais para enxergar qualquer uma delas. O mais jovem dizia “Ah, sim”, “Sério? Que interessante...”, “Ora, ora, ora” e “Puxa vida”. Ele balançava a cabeça, pensativo.

Os dois entraram, não pela porta principal que dava no salão, mas por um portal pequeno ao leste do pátio, que conduzia à Sala Comum dos Veteranos e à antessala revestida de madeira escura onde os aca-

dêmicos se reuniam para esfregar as mãos e fazer “brrrrrr” antes de seguirem por sua entrada particular até a Mesa reservada para eles.

Eles estavam atrasados e tiraram os casacos às pressas. Essa era uma tarefa complicada para o homem mais velho, uma vez que precisava se despir de sua bata antes e, então, colocá-la de volta. Em seguida, tinha que enfiar o chapéu no bolso do casaco, depois se perguntar onde colocara o cachecol, perceber que havia se esquecido de trazê-lo, vasculhar o bolso do casaco em busca do lenço, tatear o outro bolso à procura dos óculos e, enfim, surpreender-se ao encontrá-lo embrulhado em seu cachecol, que ele tinha trazido no fim das contas, mas não usara, apesar do vento úmido e gelado que vinha dos pântanos como o sopro de uma bruxa.

Ele empurrou o rapaz para o salão à sua frente e ambos ocuparam os assentos vagos na Mesa dos Veteranos, enfrentando uma saraiada de carrancas e sobrancelhas erguidas por interromperem a oração em latim.

O salão estava cheio naquela noite. Ele era sempre mais popular entre os alunos da graduação durante os meses mais frios. Mais incomum era o fato de estar sob a luz de velas, o que só acontecia em ocasiões muito especiais. Duas mesas longas e totalmente ocupadas se estendiam pela penumbra tremeluzente. À luz de velas, os rostos das pessoas pareciam mais vivos; suas vozes sussurradas e o retinir de talheres e copos, mais empolgantes; e, nos recantos escuros, todos os séculos em que ele havia existido pareciam estar ali ao mesmo tempo. A própria Mesa dos Veteranos formava uma trave horizontal na ponta do conjunto e era cerca de 30 centímetros mais alta do que o resto. Por se tratar de uma noite para convidados, as mesas estavam postas de ambos os lados para receber as cabeças extras, portanto muitos dos convivas sentavam-se de costas para o resto do salão.

– Então, MacDuff, meu rapaz – disse o professor assim que se sentou e desdobrou seu guardanapo com uma sacudida –, é um prazer revê-lo, caro colega. Que bom que pôde vir. Nem imagino do que se trata isto. – Ele correu os olhos pelo salão, consternado. – Todas essas velas, pratarias, pompa e circunstância. Em geral, significa um jantar especial em homenagem a alguma figura de quem ninguém se

lembra mais nada a respeito, exceto que significa comida melhor por uma noite.

Ele parou para pensar um instante, então disse:

– Não lhe parece estranho que a qualidade da comida seja inversamente proporcional à quantidade de iluminação? Faz você pensar até que nível os cozinheiros poderiam chegar se os confinássemos na escuridão para sempre. Quem sabe não vale a pena tentar? Algumas câmaras subterrâneas na faculdade bem que poderiam ser adaptadas para esse propósito. Acho que cheguei a mostrá-las para você uma vez, não foi? A alvenaria é excelente.

Tudo isso acabou sendo uma espécie de alívio para o convidado. Era a primeira indicação que seu anfitrião lhe dava de ter alguma lembrança dele. O professor Urban Chronotis, Professor Régio de Cronologia, ou “Reg”, como ele insistia em ser chamado, recordava-se também de que ele próprio já fora comparado à borboleta Rainha Alexandra, no sentido de que eram ambos coloridos, esvoaçavam lindamente para lá e para cá e estavam agora, para sua tristeza, quase extintos.

Ao fazer o convite por telefone, alguns dias antes, o professor parecera muito entusiasmado em rever seu antigo pupilo. Mas quando Richard chegou no fim da tarde daquele mesmo dia – um pouco atrasado, é preciso admitir –, o professor abriu a porta aparentemente irritadíssimo e olhara para ele com surpresa, exigindo saber se estava passando por algum problema emocional e mostrando-se contrariado ao ser lembrado com gentileza de que já haviam se passado dez anos desde que fora seu tutor na faculdade. Por fim, concordou que Richard tinha na verdade vindo para o jantar e começou a falar de forma acelerada e prolixa sobre a história da arquitetura da instituição, um sinal inconfundível de que sua mente estava em outro lugar.

“Reg” nunca tinha sido professor de Richard, mas apenas seu tutor, o que significava, em poucas palavras, que ele fora o responsável pelo seu bem-estar geral, dizendo-lhe quando eram as provas, que ele não deveria usar drogas e coisas do tipo. Na verdade, não se sabia ao certo se Reg havia sido professor de alguém um dia, ou o que poderia ter ensinado, se é que seria capaz de ensinar. Sua carreira era nebulosa

sa, para dizer o mínimo, e como ele se eximia da obrigação de dar aulas usando a técnica simples e consagrada de apresentar a todos os seus alunos em potencial uma enorme lista de livros que ele próprio sabia estarem fora de catálogo havia trinta anos, e então dando um ataque de nervos quando eles não conseguiam encontrá-los, ninguém nunca descobrira o verdadeiro objeto de sua disciplina acadêmica. Naturalmente, havia tempos que ele tivera a precaução de remover os únicos exemplares restantes dos livros de sua lista das bibliotecas de universidades; logo, tinha tempo de sobra para fazer, bem, para fazer sabe-se lá o quê.

Uma vez que Richard sempre se dera razoavelmente bem com o velho maluco, um dia ele reuniu coragem para lhe perguntar em que consistia o cargo de Professor Régio de Cronologia. Era um daqueles dias luminosos de verão em que o mundo parece prestes a explodir de prazer por ser o que é, e Reg estava em um bom humor atípico enquanto eles atravessavam a ponte sobre o rio Cam, que dividia as partes mais antigas da faculdade das mais novas.

– Uma mamata, meu caro colega, uma verdadeira mamata – respondeu ele, radiante. – Uma pequena quantia de dinheiro por uma quantia muito pequena, ou, melhor dizendo, inexistente de trabalho. Assim, tenho sempre o suficiente para me manter, o que é uma maneira confortável, embora frugal, de levar a vida. Eu recomendo.

Ele se debruçou sobre a mureta da ponte e apontou para um tijolo em especial que considerava interessante.

– Mas qual é área de estudo? – perguntou Richard. – História? Física? Filosofia? O quê?

– Bem – falou Reg, devagar –, já que você está interessado, a disciplina foi originalmente instituída pelo rei Jorge III, que, como você sabe, nutria uma série de ideias curiosas, como a crença de que uma das árvores no Grande Parque de Windsor era, na verdade, Frederico, o Grande. As indicações para o cargo eram feitas pelo próprio, daí o título “Regius”. Isso também foi ideia sua, o que, de certa forma, é ainda mais incomum.

A luz do sol brincava ao longo do rio. A bordo de chalanas, as pessoas gritavam alegremente “sai da frente, porra” umas para as outras.

Cientistas naturalistas magros que haviam passado meses trancados no quarto, ficando cada vez mais brancos e parecidos com peixes, saíam pestanejando para a claridade. Casais que passeavam pelas margens do rio ficavam tão excitados com o esplendor de tudo ao redor que precisavam voltar correndo para o quarto por uma hora.

– Pobre sujeito – prosseguiu Reg. – Jorge III, quero dizer. Como você deve saber, ele era obcecado pelo tempo. Encheu o palácio de relógios. Dava corda neles o tempo todo. Às vezes, levantava no meio da noite e zanzava de camisola só para fazer isso. Tinha uma grande preocupação de que o tempo continuasse seguindo em frente. Sua vida foi marcada por tantos episódios terríveis que ele morria de medo de que algum deles pudesse tornar a acontecer se o tempo voltasse, mesmo que só por um instante. Um medo muito compreensível, em especial se você for louco de pedra, como infelizmente devo dizer, por mais que me compadeça do pobre coitado, que ele sem dúvida era. Foi ele quem me nomeou, ou melhor, quem criou o cargo, a cadeira, se é que você me entende, o título que tenho o privilégio de ter hoje... Onde eu estava mesmo? Ah, sim. Ele instituiu esta, ahn, Cadeira de Cronologia para descobrir se havia algum motivo em especial para uma coisa acontecer depois da outra e se havia alguma maneira de interromper o processo. Como percebi imediatamente que as respostas para as três perguntas eram sim, não e talvez, cheguei à conclusão de que poderia tirar o resto da minha carreira de folga.

– E os seus antecessores?

– Ahn, pensavam bem parecido comigo.

– Mas quem foram eles?

– Quem foram eles? Ora, figuras extraordinárias, naturalmente, extraordinárias. Lembre-me de lhe contar a respeito deles um dia. Está vendo aquele tijolo? Wordsworth passou mal em cima dele uma vez. Grande homem.

Tudo isso tinha acontecido dez anos atrás.

Richard correu os olhos pelo grande refeitório para ver o que havia mudado nesse meio-tempo. A resposta era, é claro, absolutamente nada. No alto das paredes escurecidas, difíceis de ver à luz

bruxuleante das velas, estavam os retratos fantasmagóricos de primeiros-ministros, arcebispos, reformistas políticos e poetas, e todos eles, em suas respectivas épocas, provavelmente tinham passado mal em cima daquele mesmo tijolo.

– Bem – disse Reg em um sussurro conspiratório, como se fosse discorrer sobre piercing nos mamilos em um convento de freiras –, fiquei sabendo que você enfim andou se dando muito bem nos últimos tempos, hum?

– Ahn, bem, sim, é verdade – falou Richard, que estava tão surpreso com o fato quanto qualquer um –, tem razão.

Ao redor da mesa, vários olhares sisudos se fixaram nele.

– Computadores... – ele ouviu alguém murmurar com desprezo para um colega mais ao fundo da mesa.

Os olhares sisudos tornaram a relaxar e se afastaram.

– Que maravilha – comentou Reg. – Fico muito feliz por você, muito feliz. Diga-me uma coisa – prosseguiu, e só depois de um instante é que Richard percebeu que o professor já não estava falando com ele, mas havia se virado para a direita para se dirigir ao seu outro vizinho de mesa –, por que toda essa... – ele gesticulou vagamente em direção às velas e à prataria – parafernália?

Seu colega, um velho encarquilhado, se virou devagar e o encarou como se estivesse muito contrariado por ter sido trazido de volta dos mortos dessa forma.

– Coleridge – respondeu com um fiapo de voz –, é o jantar em homenagem a Coleridge, seu velho idiota.

Ele tornou a se virar muito devagar. Chamava-se Cawley e era professor de Arqueologia e Antropologia; costumava-se dizer pelas suas costas que ele encarava o trabalho nem tanto como um estudo acadêmico sério, mas como uma chance de reviver a infância.

– Ah, é mesmo? – balbuciou Reg e se voltou para Richard. – É o jantar em homenagem a Coleridge – informou ele com ar de sabichão. – Coleridge era membro da faculdade, sabia? – acrescentou após um instante. – Samuel Taylor Coleridge. Poeta. Imagino que tenha ouvido falar dele. Este é o jantar dele. Bem, não literalmente, é claro. Ou já estaria frio a esta altura. – Silêncio. – Aqui, tome o sal.

– Obrigado, mas acho que vou esperar – disse Richard, surpreso. Ainda não havia comida alguma sobre a mesa.

– Ora, tome – insistiu o professor, oferecendo-lhe o saleiro de prata pesado.

Richard pestanejou, confuso, mas, dando de ombros interiormente, estendeu a mão para pegá-lo. Quando piscou, no entanto, o saleiro tinha sumido.

Ele saltou para trás, espantado.

– Essa foi boa, hein? – falou Reg enquanto retirava o utensílio desaparecido de trás da orelha de seu vizinho cadavérico da direita, fazendo uma surpreendente risada de menininha vir de algum outro lugar da mesa. Reg abriu um sorriso travesso. – É um hábito muito irritante, eu sei. Está na minha lista de coisas a largar, junto com o cigarro e as sanguessugas.

Bem, lá estava outra coisa que não havia mudado. Algumas pessoas cutucavam o nariz, outras tinham o hábito de espancar velhinhas na rua. O vício de Reg era inofensivo, embora peculiar: fazer truques de mágica infantis. Richard se lembrava da primeira vez que fora se consultar com Reg sobre um problema. Era apenas a angústia normal que toma conta de todos os alunos de graduação de tempos em tempos, especialmente se têm trabalhos para escrever, mas havia parecido um peso sombrio e insustentável na época. Reg ouvira o seu desabafo com as sobrancelhas franzidas, concentrado. Quando Richard enfim terminou de falar, ele refletiu com seriedade, coçou bastante o queixo e por fim se inclinou para a frente e o fitou nos olhos.

– Me parece que o problema é que você tem cliques de papel demais no nariz.

Richard ficou encarando-o.

– Deixe eu demonstrar para você – disse Reg, esticando-se sobre a mesa e puxando do nariz de Richard uma corrente de onze cliques de papel e um pequeno cisne de borracha.

Então, erguendo o cisne no ar, anunciou:

– Ah, o verdadeiro culpado. Eles vêm em pacotes de cereais, como você sabe, e causam uma infinidade de transtornos. Bem, fico feliz por

termos tido esta pequena conversa, meu caro colega. Sinta-se livre para me incomodar outra vez caso volte a ter esse tipo de problema.

Desnecessário dizer que Richard não fez isso.

Richard correu os olhos pela mesa para ver se reconhecia mais alguém de sua época na faculdade.

Dois lugares à sua direita, viu o professor que tinha sido chefe do Departamento de Estudos de Língua Inglesa quando ele estudava ali, que não deu nenhum sinal de reconhecê-lo. Isso não era de espantar, uma vez que Richard havia passado seus três anos de faculdade evitando-o ao máximo, chegando ao ponto de deixar a barba crescer e fingir ser outra pessoa.

Ao lado dele estava um homem que Richard nunca conseguira identificar. Aliás, ninguém nunca havia conseguido. Era magro, com cara de rato, e tinha o nariz mais extraordinariamente longo e ossudo que se possa imaginar – era mesmo muito, muito longo e ossudo. Na verdade, ele se parecia bastante com a polêmica quilha que possibilitara à Austrália ganhar a Copa América de Iatismo em 1983, semelhança esta que fora muito comentada na época, embora não na sua frente, é claro. Ninguém nunca dizia nada na sua frente.

Ninguém.

Nunca.

Qualquer pessoa que fosse apresentada a ele ficava espantada e constrangida demais com seu nariz para falar, e o segundo encontro era ainda pior por causa do primeiro, e assim por diante. Anos haviam se passado agora; dezessete no total. E, durante todo esse tempo, ele esteve fechado em um casulo de silêncio. No refeitório, há tempos que os empregados da faculdade tinham o hábito de deixar dois jogos de sal, pimenta e mostarda à sua disposição, um de cada lado, já que ninguém podia lhe pedir que passasse qualquer uma dessas coisas – e pedir à pessoa sentada do outro lado dele seria não só indelicado, mas totalmente impossível, porque seu nariz ficava no caminho.

A outra coisa estranha a seu respeito era uma série de gestos que ele fazia e repetia regularmente ao longo de todas as noites. Consistiam em cutucar cada um dos dedos de sua mão esquerda em ordem e, depois, um dos dedos da mão direita. Em seguida, às vezes cutucava

alguma outra parte do corpo, o nó de um dedo, um cotovelo ou um joelho. Sempre que era forçado a parar de fazer isso para comer, ele começava a piscar os olhos um por um e, de vez em quando, a menear a cabeça. É claro que ninguém nunca tinha ousado lhe perguntar por que ele fazia isso, embora todos se mordessem de curiosidade.

Richard não conseguia enxergar quem estava sentado além dele.

Na outra direção, depois do vizinho cadavérico de Reg, estava Watkin, o professor de Letras Clássicas, um homem de aterrorizante secura e estranheza. Seus óculos pesados, sem aros, eram quase como cubos sólidos de gelo, nos quais seus olhos pareciam levar existências independentes, como peixes-dourados. Seu nariz era reto o suficiente e comum, mas, debaixo dele, Watkin usava uma barba como a de Clint Eastwood em *O cavaleiro solitário*. Seu olhar nadava pela mesa enquanto ele escolhia com quem iria conversar naquela noite. Tinha achado que poderia conseguir encurralar um dos convidados, o recém-nomeado diretor da Rádio 3, da BBC, que estava sentado à sua frente, mas infelizmente ele já havia caído nas garras do diretor de Música da faculdade e de um professor de Filosofia. Esses dois estavam ocupados explicando para o homem acochado que a expressão “Mozart demais” era, levando em conta qualquer definição razoável dessas duas palavras, uma contradição em termos e que qualquer frase que contivesse essa expressão se tornaria, portanto, desprovida de sentido – conseqüentemente, ela não poderia ser usada como parte de um argumento em favor de nenhum tipo de estratégia de programação musical. O pobre homem já começava a segurar seus talheres com mais força do que o normal. Olhava de um lado para outro em busca de salvação e cometeu o erro de cruzar olhares com Watkin.

– Boa noite – cumprimentou Watkin com um sorriso charmoso, meneando a cabeça da forma mais amigável possível. Então voltou sua atenção para a tigela de sopa que acabara de chegar, a qual não permitiria ser movida. Por enquanto. Deixe o infeliz sofrer um pouco. Queria que aquele resgate lhe rendesse pelo menos meia dúzia de convites para falar na rádio.

Depois de Watkin, Richard descobriu de repente a fonte da risada de menininha provocada pelo truque de mágica de Reg. Para sua

surpresa, era mesmo uma menininha. Ela devia ter 8 anos, com cabelos loiros e uma expressão emburrada. Sentada, chutava com raiva a perna da mesa.

– Quem é aquela? – perguntou Richard a Reg, surpreso.

– Quem é quem? – perguntou Reg a Richard, surpreso.

Discretamente, Richard apontou-a.

– Aquela garota – sussurrou –, aquela garotinha bem pequena ali. Por acaso é alguma nova professora de Matemática?

Reg se virou para olhá-la.

– Sabe – falou ele, espantado –, não faça a menor ideia. Nunca vi coisa parecida. Que extraordinário.

Nesse exato momento, o mistério foi solucionado pelo homem da BBC, que conseguiu se desvencilhar do mata-leão lógico que seus vizinhos de mesa tinham lhe aplicado e deu uma bronca na garotinha, mandando-a parar de chutar a mesa. Ela parou, mas então começou a chutar o ar com vigor redobrado. Ele disse para a menina tentar se divertir, e então ela lhe deu um chute. Isso ajudou a trazer um breve lampejo de prazer para a noite maçante de Richard, mas não durou muito. O pai compartilhou brevemente com toda a mesa sua opinião sobre babás que deixavam as pessoas na mão na hora H, mas ninguém se sentiu capacitado a continuar o assunto.

– Já não é de hoje – voltou a falar o diretor de Música – que a rádio nos deve uma programação especial com solos para órgão de Buxtehude. Estou certo de que o senhor aproveitará a primeira oportunidade para remediar essa situação.

– Ah, ahn, sim – respondeu o pai da menina, derramando sua sopa –, ahn, quer dizer... Gluck e ele não são a mesma pessoa, são?

A garotinha voltou a chutar o pé da mesa. Quando seu pai a fitou com um olhar severo, ela virou a cabeça para um lado e articulou uma pergunta.

– Agora não – insistiu ele o mais discretamente possível.

– Então quando?

– Mais tarde. Talvez. Mais tarde nós vemos.

Ela se afundou de volta na cadeira, emburrada.

– Você sempre diz “mais tarde” – balbuciou ela.

– Pobrezinha – sussurrou Reg. – Não há um só professor nesta mesa que não se comporte dessa forma por dentro. Ah, obrigado.

A sopa deles chegou, desviando sua atenção e a de Richard.

– Então me diga – falou Reg, depois de terem tomado duas colheradas da sopa e chegado separadamente à conclusão de que não era uma explosão de sabores –, o que você tem feito da vida, meu caro colega? Algo relacionado a computadores, até onde entendi, e também com música, não? Achei que tivesse estudado Língua Inglesa em sua passagem por aqui... mas apenas no seu tempo livre, percebo agora. – Ele lançou um olhar expressivo para Richard por sobre a borda da sua colher de sopa. – Mas espere – interrompeu ele antes que Richard tivesse a chance de responder –, acho que me lembro vagamente que você tinha uma espécie de computador quando estudava aqui, não? Quando foi isso? 1977?

– Bem, o que chamávamos de computador em 1977 era na verdade uma espécie de ábaco eletrônico, mas...

– Ora, ora, não subestime o ábaco. Em mãos habilidosas, ele é um artefato de calcular muito sofisticado. Além do mais, não precisa de energia, pode ser feito com qualquer material que você tiver à mão e nunca dá pane no meio de um trabalho importante.

– Pensando assim, um ábaco eletrônico não faria o menor sentido.

– Isso é bem verdade – concordou Reg.

– Não havia muita coisa que aquela máquina pudesse fazer que você próprio não fizesse em metade do tempo e com muito menos trabalho, mas, por outro lado, ela era tão boa quanto um aluno lerdo e tapado.

Reg olhou para ele, intrigado.

– Não sabia que alunos assim estavam em falta. Eu poderia acertar uma dúzia se atirasse um pãozinho de onde estou sentado.

– Sem dúvida. Mas veja da seguinte maneira: qual é o verdadeiro sentido de tentar ensinar qualquer coisa para quem quer que seja?

Esse questionamento pareceu provocar um burburinho de aprovação por toda a mesa.

– O que quero dizer – prosseguiu Richard – é que, se você quiser mesmo entender alguma coisa, a melhor maneira de fazer isso é ten-

tar explicá-la para alguém. Isso o obriga a destrinchá-la em sua cabeça. E, quanto mais lerdo e tapado for seu aluno, mais você terá que fragmentá-la em ideias cada vez mais simples. Essa é, na verdade, a essência da programação computacional. Depois de decompor uma ideia complexa em pequenos passos que até mesmo uma máquina idiota consegue compreender, você terá aprendido algo a respeito dela também. O professor geralmente aprende mais do que o aluno. Não é verdade?

– Seria difícil aprender muito menos do que meus alunos sem passar por uma lobotomia pré-frontal – rosnou alguém de alguma parte da mesa.

– Então eu passava dias pensando para escrever meus trabalhos nesse computador de 16K, algo que poderia ter feito em poucas horas numa máquina de escrever, mas o fascinante para mim era o processo de tentar explicar para a máquina o que eu queria que ela fizesse. Praticamente desenvolvi meu próprio processador de texto em BASIC. Um simples processo de localizar e substituir podia levar cerca de três horas.

– Já não me lembro, mas você conseguia terminar os seus trabalhos?

– Bem, não exatamente. Os trabalhos não saíam, mas os motivos eram fascinantes. Por exemplo, eu descobri que...

Ele teve que parar para rir de si mesmo.

– Eu também tocava teclado em um grupo de rock, é claro. Isso não ajudava.

– Ora, dessa eu não sabia. Seu passado tem mais elementos misteriosos do que eu imaginava. Uma característica, devo acrescentar, que ele compartilha com esta sopa. – Reg limpou a boca meticulosamente com seu guardanapo. – Preciso conversar com o pessoal da cozinha qualquer dia desses. Gostaria de conferir se eles estão usando as partes certas e jogando as partes inadequadas fora. Enfim... um grupo de rock, você disse. Ora, ora, quem diria.

– Sim. O nome era Os Garotos Razoavelmente Bons, embora na verdade não fôssemos nem mesmo isso. Nossa intenção era ser os Beatles do começo da década de 1980, mas recebemos conselhos fi-

nanceiros e legais muito melhores do que os Beatles jamais receberam, que se resumiam à frase “nem tentem”, então nós nem tentamos. Terminei meu curso em Cambridge e passei fome durante três anos.

– Mas eu não cheguei a topiar com você durante esse período? – perguntou Reg. – E você não me disse que estava indo bem?

– Como lixeiro, sim. Havia uma quantidade enorme de lixo nas ruas. Mais do que o suficiente, me parecia, para assegurar toda uma carreira. Só que acabei sendo demitido por varrer o lixo da zona de outro lixeiro.

Reg balançou a cabeça.

– Não era a carreira certa para você, tenho certeza. Há várias profissões em que esse tipo de comportamento lhe renderia uma promoção no mesmo instante.

– Experimentei alguns outros trabalhos, mas nada muito importante. E não ficava muito tempo em nenhum deles, pois estava sempre cansado demais para fazê-los direito. Sempre me encontravam dormindo em galinheiros ou enquanto arquivava documentos, dependendo do trabalho. Eu ficava acordado a noite inteira em frente ao computador, ensinando-o a tocar “Three Blind Mice”. Essa era uma meta importante para mim.

– Não duvido. Obrigado – agradeceu Reg ao empregado que retirou a tigela de sopa ainda pela metade da sua frente –, muito obrigado. “Three Blind Mice”, hein? Muito bem, muito bem. Então você certamente teve sucesso em algum momento, o que explica sua atual situação privilegiada, correto?

– Bem, é um pouco mais complicado do que isso.

– Eu temia que fosse. Que pena que não trouxe o computador com você. Talvez servisse para alegrar aquela pobre menininha que está sendo obrigada a aturar nossa companhia maçante e rabugenta. Uma bela dose de “Three Blind Mice” provavelmente ajudaria a levantar o seu ânimo.

Reg se inclinou para a frente de modo a olhar para além dos seus dois vizinhos à direita até a garotinha, que continuava afundada em sua cadeira.

– Olá.

Ela ergueu os olhos, surpresa, então baixou-os com timidez, tornando a balançar as pernas.

– O que você acha pior – perguntou Reg –, a sopa ou a companhia?

Ela deu uma risadinha relutante e encolheu os ombros, ainda olhando para baixo.

– Acho muito sensato da sua parte não se comprometer a esta altura – prosseguiu Reg. – Eu mesmo estou esperando para provar as cenouras antes de fazer qualquer julgamento. Elas estão sendo fervidas desde o fim de semana, mas temo que ainda não seja suficiente. A única coisa que poderia ser pior do que as cenouras é Watkin. Ele é o homem com os óculos ridículos sentado entre nós dois. Meu nome é Reg, por sinal. Venha me dar um chute quanto tiver um tempinho.

A menininha riu e ergueu os olhos para Watkin, que ficou tenso e fracassou redondamente ao tentar abrir um sorriso afável.

– Ora, garotinha – falou ele, constrangido, e ela teve que se conter para não gargalhar dos seus óculos.

Não houve muita conversa depois disso, mas a menina tinha conquistado um aliado e começou a se divertir um pouco. Seu pai sorriu, aliviado.

Reg se voltou para Richard, que perguntou de repente:

– O senhor tem alguma família?

– Ahn... não – respondeu Reg em voz baixa. – Mas conte para mim: depois de “Three Blind Mice”, o que aconteceu?

– Bem, resumindo a história, Reg, eu acabei indo trabalhar para a WayForward Technologies...

– Ah, sim, o famoso Sr. Way. Diga-me, como ele é?

Richard sempre se incomodava um pouco com essa pergunta, provavelmente porque a faziam com muita frequência.

– Ao mesmo tempo, melhor e pior do que a imprensa pinta. Gosto muito dele, na verdade. Como qualquer homem compulsivo, pode ser um pouco irritante às vezes, mas eu o conheço desde o início da empresa, quando não tínhamos nem um centavo no bolso. Ele é ótimo. Mas não é uma boa ideia lhe dar o seu número de telefone, a não ser que você tenha uma secretária eletrônica com capacidade industrial.

– Como assim? Por que diz isso?

– Bem, ele é uma daquelas pessoas que só consegue pensar se estiver falando. Quando tem alguma ideia, precisa explicá-la em voz alta para qualquer um que possa ouvi-la. Ou, se não houver pessoas disponíveis, o que é cada vez mais comum, suas secretárias eletrônicas são tão eficazes quanto. Ele telefona para elas e começa a falar. Tem uma assistente cuja única função é recolher as fitas das pessoas para as quais ele ligou, transcrevê-las, organizá-las e lhe entregar o texto editado no dia seguinte em uma pasta azul.

– Uma pasta azul, é?

– Eu me pergunto: por que ele não simplesmente usa um gravador? – disse Richard, dando de ombros.

Reg refletiu sobre a questão.

– Imagino que ele não use um gravador por que não gosta de falar sozinho. Tem lógica. De certa forma.

Comeu um bocado de seu recém-chegado *porc au poivre* e ruminou um pouco antes de pousar o garfo e a faca com delicadeza.

– Então – indagou Reg por fim –, qual é o papel do jovem MacDuff nessa história toda?

– Bem, Gordon me contratou para desenvolver um software muito importante para o Macintosh. Planilhas financeiras, contabilidade, esse tipo de coisa; uma ferramenta eficaz, fácil de utilizar, com muitos gráficos. Perguntei o que exatamente ele desejava no programa e Gordon respondeu: “Tudo. Quero o melhor software de contabilidade do mundo, quero ver os números cantarem e dançarem nele.” Como sou brincalhão, levei o que ele me pediu ao pé da letra.

Ele fez uma pausa e prosseguiu:

– A questão é que padrões numéricos podem representar qualquer coisa que você quiser, podem ser usados para mapear qualquer superfície ou modular qualquer processo dinâmico, e assim por diante. No fim das contas, qualquer conjunto de contas comerciais não passa de um padrão numérico. Então, eu me sentei e desenvolvi um programa que pegaria esses números e deixaria você fazer o que bem entendesse com eles. Se quisesse apenas um gráfico de barras, ele os organizaria em um gráfico de barras; se os quisesse em um gráfico de

pizza ou em um de dispersão, ele os apresentaria dessa forma. Se quisesse garotas dançantes saindo de dentro do gráfico de pizza para distrair as pessoas dos números que o gráfico apresenta, o programa também poderia fazer isso. Ou você poderia transformar seus números em, digamos, uma revoada de gaivotas, com a formação em que elas voam e a maneira como a asa de cada gaivota bate sendo determinada pelo desempenho de cada divisão da sua empresa. Uma excelente maneira de produzir logotipos corporativos animados que realmente *signifiquem* alguma coisa. Com o recurso mais bobo de todos, você pode representar as contas comerciais como uma música. Bem, eu achei que era uma coisa boba. Mas o mundo corporativo ficou maravilhado com a ideia.

Reg o fitou com um olhar solene por sobre o pedaço de cenoura equilibrado no garfo à sua frente, mas não o interrompeu.

– O negócio é que qualquer aspecto de uma peça musical pode ser expressado como uma sequência ou padrão numérico – continuou Richard, entusiasmado. – Números podem expressar o tom e o comprimento das notas, padrões tonais e rítmicos...

– A melodia, você quer dizer – falou Reg. A cenoura continuava no mesmo lugar.

Richard sorriu.

– Melodia seria uma ótima palavra para descrever isso. Preciso me lembrar dela.

– Simplificaria a sua explicação. – Reg devolveu a cenoura ao prato, sem prová-la. – Então esse programa foi um sucesso?

– Aqui, nem tanto. O balanço anual da maioria das empresas britânicas acabou soando como uma marcha fúnebre, mas, no Japão, eles gostaram tanto que pareciam um bando de ratos esfomeados. Produziram um monte de jingles empresariais animados que começavam bem, mas, olhando de forma mais crítica, provavelmente tendiam a ficar um pouco barulhentos e estridentes no final. Teve grande sucesso nos Estados Unidos, o que era o mais importante, comercialmente falando. No entanto, o que mais me interessa agora é o que acontece quando você retira as contas comerciais e transforma os números que representam o bater das asas das gaivotas direta-

mente em música. O que você ouviria? Não o som de dinheiro caindo na conta, segundo Gordon.

– Fascinante – comentou Reg –, realmente fascinante.

Por fim, levou a cenoura à boca. Ele se virou e se inclinou para frente para falar com sua nova amiga.

– Watkin perdeu – anunciou ele. – As cenouras nunca estiveram piores. Desculpe, Watkin, mas, por mais terrível que você seja, infelizmente as cenouras são imbatíveis.

A garota riu com mais facilidade do que da última vez. Watkin tentava levar tudo na esportiva, mas a maneira como seus olhos se focaram em Reg deixava claro que ele estava mais habituado a causar constrangimento do que a ser constrangido.

– Papai, agora eu posso, por favor? – Com sua confiança recém-adquirida, ainda que frágil, a garota também encontrou sua voz.

– Mais tarde – insistiu o pai.

– Já é mais tarde. Eu cronometrei.

– Bem... – Ele hesitou, confuso.

– Nós fomos à Grécia – anunciou a menina com uma voz baixa, mas cheia de admiração.

– Ah, é mesmo? – indagou Watkin, meneando de leve a cabeça. – Ora, ora. Algum lugar em especial, ou só para a Grécia em geral?

– Patmos – respondeu ela, segura de si. – Foi lindo. Acho que Patmos é o lugar mais bonito do mundo. Só que a balsa nunca chegava no horário marcado. Nunquinha. Eu cronometrei. Nós perdemos o voo por causa disso, mas eu não me importei.

– Ah, Patmos, excelente – falou Watkin, claramente entusiasmado com a notícia. – Bem, o que você precisa entender, minha pequenina, é que os gregos, não satisfeitos em dominar a cultura do mundo clássico, também foram responsáveis pela maior, e alguns diriam única, obra de verdadeira imaginação criativa deste século. Estou me referindo, naturalmente, aos quadros de horários das balsas gregas. Elas são uma obra da mais sublime ficção. Qualquer um que já tenha viajado pelo mar Egeu poderá confirmar isso. Ah, sim. É o que eu acho.

Ela franziu as sobrancelhas para Watkin.

– Eu encontrei um vaso.

– Não era nada. – Seu pai apressou-se a interrompê-la. – Vocês sabem como é. Todo mundo que vai à Grécia pela primeira vez acha que encontrou um vaso, não é mesmo? Rá, rá.

Todos concordaram com a cabeça. Era verdade. Irritante, mas verdadeiro.

– Eu encontrei o meu no porto – continuou ela –, bem na água. Enquanto a gente estava esperando por aquela bosta de balsa.

– Sarah! Eu já falei para você...

– Foi você quem chamou a balsa assim. E de coisa pior. Usou umas palavras que eu nem sabia que você conhecia. Enfim, eu achei que, como dizem que todo mundo aqui é tão inteligente, alguém saberia me dizer se ele é mesmo uma coisa da Grécia Antiga ou não. Eu acho que é *muito* antiga. Posso mostrar para eles, papai, por favor?

O pai deu de ombros, derrotado, e começou a mexer em algo debaixo da cadeira.

– Você sabia, minha pequenina – disse Watkin –, que o livro do Apocalipse foi escrito em Patmos? Foi, sim. Por São João, o Divino, como você bem sabe. Para mim, ele demonstra sinais bem claros de ter sido escrito enquanto São João esperava por uma balsa. Ah, sim, é o que eu acho. Ele começa com aquele tipo de devaneio em que você entra quando está matando tempo, entediado, sabe, inventando coisas, e então vai crescendo pouco a pouco até uma espécie de clímax de desespero delirante. Acho isso muito sugestivo. Talvez devesse escrever um artigo sobre o assunto – concluiu ele, assentindo para a garotinha.

Ela o encarou como se ele estivesse maluco.

– Bem, aqui está ele – falou o pai, largando o objeto sobre a mesa. – É apenas um vaso, estão vendo? Ela só tem 6 anos – acrescentou, com um sorriso amarelo –, não é, querida?

– Sete – retrucou Sarah.

O vaso era bem pequeno, com 12 centímetros de altura e uns 10 de largura em sua parte mais bojuda. Seu corpo era quase esférico, com um gargalo muito estreito que se estendia por coisa de 2,5 centímetros, que estava incrustado de terra endurecida, assim como

cerca de metade da sua superfície. Mas as partes visíveis eram avermelhadas e possuíam uma textura áspera, rubicunda.

Sarah apanhou o vaso e o colocou nas mãos do professor sentado à sua direita.

– Você parece inteligente. Me diga o que acha.

O professor virou-o de cabeça para baixo com um ar um tanto arrogante.

– Estou certo de que, se você raspasse a lama no fundo – comentou, espirituoso –, provavelmente leria “Made in Birmingham”.

– Tão antigo assim, é? – falou o pai de Sarah com uma risada forçada. – Há muito tempo que não se produz nada por lá.

– De todo modo – continuou o professor –, não é minha área de especialidade: sou biólogo molecular. Alguém mais quer dar uma olhada?

A pergunta não foi recebida com gritinhos de entusiasmo, mas, assim mesmo, o vaso foi passado de mão em mão em volta da outra ponta da mesa, de maneira um tanto ou quanto aleatória. Foi analisado através de óculos fundo de garrafa, perscrutado através de óculos de aro de tartaruga, escrutinado através de óculos em meia-lua e examinado através de olhos apertados por alguém que havia deixado seus óculos em outro paletó e agora morria de medo de tê-lo mandado para a lavanderia. Ninguém parecia saber a idade do vaso ou se importar muito com isso. O rosto da garotinha começou a ficar desanimado outra vez.

– Pobrezinha – comentou Reg a Richard. Ele tornou a apanhar um saleiro de prata e o ergueu no ar. – Minha jovem – chamou ele, inclinando-se para a frente.

– Ah, de novo não, seu velho idiota – balbuciou Cawley, o velho arqueólogo, recostando-se na cadeira e tapando as orelhas com as mãos.

– Minha jovem – repetiu Reg –, veja este simples saleiro de prata. Agora veja este simples chapéu.

– Você não está de chapéu – retrucou a menina, emburrada.

– Ah, só um momento.

Ele foi pegar o seu chapéu de lã vermelho e voltou.

– Veja este simples saleiro de prata. Agora veja este simples chapéu de lã. Vou colocar o saleiro dentro do chapéu e depois passar o chapéu para você. A próxima parte do truque, minha querida... bem, você decide.

Reg lhe entregou o chapéu, passando-o pelos dois homens que estavam entre eles, Cawley e Watkin. Ela o apanhou e olhou dentro.

– Cadê o saleiro? – perguntou, vasculhando o interior do chapéu.

– No lugar em que você o colocou.

– Ah. Já entendi. É... não foi muito bom.

Reg encolheu os ombros.

– É um truque bobo, mas me dá prazer. – Ele se voltou para Richard. – Bem, do que estávamos falando mesmo?

Richard o encarou com uma expressão ligeiramente chocada. Sabia que o professor sempre tivera uma tendência a alterações de humor repentinas e erráticas, mas era como se toda a ternura tivesse sido sugada dele em um piscar de olhos. Agora, exibia a mesma expressão distraída que Richard tinha visto ao bater à porta naquela noite, como se sua presença fosse totalmente inesperada. Reg pareceu notar que Richard estava espantado e se apressou a reabrir um sorriso.

– Meu caro colega! Meu caro colega! Meu caro, caro colega! O que eu estava dizendo?

– Você estava dizendo “meu caro colega”.

– Sim, mas tenho certeza de que era uma introdução a outra coisa. Uma breve tocata sobre o tema de como você é um camarada excepcional *antes* de apresentar o assunto principal do meu discurso, cuja natureza me escapa no momento. Você não sabe o que eu estava prestes a dizer?

– Não.

– Ah. Bem, imagino que eu devesse ficar aliviado. Se todos soubessem exatamente o que eu iria dizer, então não faria o menor sentido dizer algo, não é verdade? Mudando de assunto, como estará indo o vaso da nossa jovem convidada?

Ele havia chegado a Watkin, que afirmou não ser nenhum especialista sobre o que os antigos costumavam usar como recipientes para suas bebidas, mas apenas sobre o que eles tinham escrito

sob o efeito delas. Watkin alegou que, nesse caso, todos deveriam acatar o conhecimento e a experiência de Cawley e tentou passar o vaso para o arqueólogo.

– Eu *disse* – repetiu ele – que, nesse caso, todos devemos acatar seu conhecimento e sua experiência. Ah, pelo amor de Deus, tire as mãos das orelhas e dê uma olhada neste negócio.

Com um gesto delicado, porém firme, Watkin afastou a mão direita de Cawley da orelha, explicou a situação outra vez e lhe entregou o pote. O arqueólogo o avaliou de forma superficial, mas claramente como um especialista.

– Sim, tem cerca de 200 anos de idade, eu diria. Muito tosco. Um exemplo bem grosseiro do seu gênero. Sem nenhum valor, é claro.

Ele o largou categoricamente sobre a mesa e seu olhar vagou em direção ao antigo balcão dos músicos, que pareceu irritá-lo por algum motivo.

O efeito sobre Sarah foi imediato. Já desanimada, ela ficou totalmente inconsolável. Mordeu o lábio e voltou a se afundar na cadeira, sentindo-se outra vez deslocada e infantil. Seu pai lançou um olhar para ela, alertando-a de que não se portasse mal, e tornou a pedir desculpas pela filha.

– Ora, Buxtehude – apressou-se a dizer em seguida –, claro, o bom e velho Buxtehude. Verei o que posso fazer. Mas diga-me...

– Minha jovem – interrompeu-o uma voz, rouca de espanto –, você claramente é uma feiticeira dona de poderes extraordinários!

Todos os olhos se voltaram para Reg, aquele velho exibicionista. Ele estava segurando o vaso e o fitava com um fascínio ensandecido. Voltou seus olhos devagar para a garotinha, como se avaliasse pela primeira vez a força de um adversário temível.

– Eu me curvo diante de você – sussurrou ele. – Por mais indigno que eu seja de falar na presença de um poder tão grande quanto o seu, peço permissão para louvá-la por uma das mais sublimes proezas de feitiçaria que tive o privilégio de testemunhar!

Sarah o encarava com os olhos cada vez mais arregalados.

– Permita que eu mostre a essas pessoas a sua façanha? – perguntou ele com fervor.

Quando ela assentiu muito de leve, Reg levantou o vaso antes precioso, mas agora infelizmente desacreditado, e bateu com ele sobre a mesa.

O vaso se partiu em duas partes irregulares, a lama incrustada que o envolvia caindo na forma de cacos pontiagudos. Uma metade do recipiente também tombou, mas a outra ficou de pé.

Sarah esbugalhou os olhos para o saleiro manchado e sujo, mas inconfundível, que estava preso dentro dos restos do vaso.

– Velho idiota – balbuciou Cawley.

Depois que a depreciação e a condenação generalizada desse truque de mágica barato tiveram fim – sem conseguir diminuir em nada o brilho de admiração nos olhos de Sarah –, Reg se voltou para Richard e disse, jogando conversa fora:

– Quem era mesmo aquele seu amigo de quando você estudava aqui? Ainda tem contato com ele? Aquele camarada com um nome estranho do Leste Europeu? Svlad alguma coisa. Svlad Cjelli. Lembra desse sujeito?

Richard olhou para ele, confuso por alguns instantes.

– Svlad? Ah, você quer dizer Dirk. Dirk Cjelli. Não. Nunca mais tive notícias. Cheguei a topiar com ele na rua uma vez ou outra, não mais que isso. Acho que troca de nome de tempos em tempos. Por que pergunta?

capítulo 5

No topo de seu promontório rochoso, o Monge Eletrônico continuava sentado em uma égua que se tornava, pouco a pouco e sem reclamar, supérflua. Debaixo de seu capote grosseiro, ele olhava sem piscar para o vale abaixo, com o qual estava tendo um problema.

O problema, no entanto, era de um tipo novo e terrível para o Monge: uma Dúvida.

Ele nunca sofria disso por muito tempo, mas, quando sofria, era como se a Dúvida corroesse as fundações do seu ser.

O dia estava quente, o sol pairava em um céu vazio e nebuloso e castigava as pedras cinzentas e a grama esparsa e crestada. Mas coisas estranhas começavam a fervilhar em seu cérebro, como costumava acontecer de tempos em tempos quando algum pacote de dados era mal encaminhado ao passar por seu buffer de entrada.

O Monge começou a acreditar, primeiro com agitação e nervosismo, depois com uma grande e calcinante labareda de fé que subjugou todas as suas crenças anteriores (incluindo aquela idiota de que o vale era rosa), que, em algum lugar no vale lá embaixo, a cerca de 1,5 quilômetro de onde ele estava, em breve seria aberto um misterioso portal para um mundo estranho e distante, um portal que ele talvez pudesse atravessar. Era uma ideia espantosa.

No entanto, espantosamente, dessa vez ele tinha toda a razão.

A égua percebeu que algo estava acontecendo.

Ela levantou as orelhas e balançou de leve a cabeça. Tinha entrado em uma espécie de transe ao ficar olhando para o mesmo aglomerado de pedras por tanto tempo, e estava prestes a imaginar também que elas eram cor-de-rosa. Balançou a cabeça com um pouco mais de força.

Uma leve puxada em suas rédeas, acompanhada de um cutucão dos calcanhares do Monge, e eles estavam descendo com cautela pela encosta pedregosa. O trajeto era difícil. A maior parte era composta de xisto solto, marrom e cinza, com uma ou outra planta marrom e verde agarrando-se a uma existência precária. O Monge percebeu isso sem constrangimento. Era um Monge mais velho e sábio agora e tinha deixado as coisas infantis para trás. Vales cor-de-rosa, mesas hermafroditas, tudo isso eram estágios naturais pelos quais era preciso passar no caminho para a verdadeira iluminação.

O sol os castigava. O Monge secou o suor e limpou a poeira do rosto, e parou, inclinando-se para a frente sobre o pescoço da égua. Ele olhou para baixo através das ondulações de calor, em direção a

um grande afloramento que se destacava na superfície do vale. Ali, atrás daquela massa rochosa, era onde o Monge pensava, ou melhor, acreditava fervorosamente até o âmagô do seu ser, que o portal iria aparecer. Tentou analisar aquele ponto com mais atenção, porém os detalhes se embaralhavam, confundindo-se no ar quente que o solo emanava.

Quando voltou a se empertigar sobre a sela, prestes a instigar a égua, percebeu de repente algo bastante estranho.

Em uma parede de rocha mais ou menos plana perto dali – na verdade, tão perto que o Monge ficou surpreso de não tê-la notado antes –, havia uma grande pintura. A arte em si era grosseira, embora fosse possível determinar certo estilo nos traços; ela parecia muito antiga, bem antiga mesmo. A tinta estava desbotada, descascada e irregular, de modo que era difícil discernir com o mínimo de clareza o que a figura representava. O Monge se aproximou para analisá-la melhor. Parecia uma cena de caça primitiva.

As criaturas roxas, com vários membros, eram claramente um grupo de caçadores de eras passadas. Carregavam lanças rudimentares e perseguiram uma grande criatura chifruda e encouraçada, que parecia já ter sido ferida durante a caça. As cores já estavam tão desbotadas que eram quase inexistentes. A única coisa que se podia ver com clareza era o branco dos dentes dos caçadores, que pareciam brilhar com uma alvura cujo lustro não fora diminuído pela passagem do que deveriam ter sido vários milhares de anos. Para ser franco, botavam no chinelo os dentes do próprio Monge – e ele os havia escovado naquela manhã mesmo.

O Monge já tinha visto pinturas como aquela antes, mas apenas em fotografias ou na TV, nunca na vida real. Eram geralmente encontradas em cavernas, onde ficavam protegidas das intempéries, ou não teriam sobrevivido.

O Monge analisou melhor o entorno da parede de rocha e notou que, embora ela não estivesse propriamente em uma caverna, era encimada por uma saliência que a protegia, mantendo-a bem abrigada do vento e da chuva. Mesmo assim, era estranho que tivesse conseguido durar tanto. Mais estranho ainda era o fato de não parecer

ter sido encontrada. Esse tipo de pintura rupestre era sempre composto de imagens famosas e familiares, mas ele nunca vira uma daquelas antes.

Talvez o Monge tivesse feito uma descoberta revolucionária, histórica. Talvez, se retornasse à cidade e a anunciasse, poderiam recebê-lo de volta de braços abertos, ele ganharia uma placa-mãe nova e lhe permitiriam acreditar... acreditar... acreditar em quê? O Monge se deteve, pestanejou e balançou a cabeça para corrigir um erro de sistema momentâneo.

Obrigou-se a parar o que estava fazendo.

Ele acreditava em um portal. Precisava encontrá-lo. O portal era o caminho para... para...

O Portal era O Caminho.

Ótimo.

Letras maiúsculas são sempre a melhor maneira de lidar com as coisas para as quais você não tem uma boa resposta.

Com um gesto brusco, puxou a cabeça do cavalo para o outro lado e o direcionou para a frente e para baixo. Após alguns minutos de manobras arriscadas, chegaram ao fundo do vale. Ele ficou momentaneamente desconcertado ao descobrir que a fina camada superficial de poeira, que se assentara sobre a terra marrom seca, possuía, de fato, um tom muito claro e amarronzado de rosa, sobretudo às margens do vagaroso filete de lama que era tudo o que restava, na estação quente, do rio que atravessava o vale durante a época das chuvas. Desmontou da égua e se agachou para sentir a poeira rosada e deixá-la correr por seus dedos. Era muito fina e macia e gostosa de esfregar contra a pele, que era mais ou menos da mesma cor, talvez um pouco mais escura.

A égua o encarava. Percebeu, talvez um pouco tarde demais, que o animal devia estar morrendo de sede. Ele mesmo estava morrendo de sede, mas tentava afastar isso da mente. Desafivelou o cantil da sela. Estava tão leve que chegava a ser patético. Desenroscou a tampa e tomou um só gole d'água. Então, despejou um pouco na mão e a ofereceu à égua, que sugou o líquido depressa, com sofreguidão.

A égua tornou a encará-lo.

O Monge balançou a cabeça com tristeza, tornou a fechar o cantil e o colocou de volta no lugar. Sabia, naquela pequena área da sua mente onde mantinha informações factuais e lógicas, que a água não duraria muito – logo, eles também não. Era apenas sua Fé que o impulsionava a seguir em frente; no momento, sua Fé no Portal.

Ele sacudiu a poeira rosa do seu hábito grosseiro e ficou parado contemplando o afloramento, a apenas 100 metros de distância. Olhava para ele não sem uma ligeira pontada de dúvida. Embora a maior parte da sua mente estivesse firme na Fé eterna e inabalável de que haveria um Portal atrás do afloramento, e que o Portal seria O Caminho, aquela parte insignificante do seu cérebro que entendia quanto de água restava no cantil não conseguia deixar de recordar decepções passadas e soava um alerta de precaução quase imperceptível, porém irritante.

Se escolhesse não ir até lá para ver O Portal com os próprios olhos, então poderia continuar a acreditar nele para sempre. Ele seria a bússola da sua vida (o pouco que restava dela, dizia a parte do seu cérebro que sabia quanto de água restava no cantil).

Se, por outro lado, fosse prestar sua homenagem ao Portal e ele não estivesse ali... o que aconteceria?

A égua relinchou, impaciente.

A resposta, é claro, era muito simples. O Monge tinha toda uma placa de circuitos para lidar exatamente com esse problema; na verdade, era a parte mais fundamental de sua função. Ele continuaria acreditando no Portal por mais que os fatos lhe revelassem o contrário, afinal, qual era o significado de Fé senão esse?

O Portal continuaria ali, mesmo que não estivesse.

O Monge se recompôs. O Portal estaria ali e era preciso chegar a ele, pois o Portal era O Caminho.

Em vez de montar em sua égua, decidiu conduzi-la a pé. O Caminho era curto e ele devia chegar à presença do Portal com humildade.

Seguiu em frente, destemido e ereto, com uma lentidão solene. Aproximou-se do afloramento. Chegou a ele. Contornou-o. Olhou.

O Portal estava lá.

A égua, diga-se de passagem, ficou bastante surpresa.

O Monge caiu de joelhos, reverente e perplexo. Estava tão preparado para lidar com a decepção, sua sina habitual, que, embora jamais fosse admitir, aquilo o pegou totalmente de surpresa. Fitou o Portal, seu olhar acusando um total e completo erro de sistema.

A porta era de um tipo que ele nunca tinha visto antes. Todas as portas que conhecia eram coisas grandes e reforçadas com aço, por conta de todos os videocassetes e lava-louças que ficavam guardados atrás delas, além, é claro, de todos os Monges Eletrônicos necessários para se acreditar naquilo tudo. Mas aquela era simples, de madeira e pequena, mais ou menos do seu tamanho. Uma porta do tamanho de um Monge, pintada de branco, com uma maçaneta de bronze ligeiramente desgastada em um dos lados, um pouco abaixo da metade da sua altura. Estava instalada na face da rocha, sem nenhuma explicação quanto a sua origem ou o seu propósito.

Mal sabendo como teve coragem, o pobre e estupefato Monge se levantou, cambaleante, e conduziu sua égua com nervosismo em sua direção. Estendeu a mão e tocou-a. Ficou tão espantado quando nenhum alarme disparou que deu um salto para trás. Voltou a tocá-la, com mais firmeza dessa vez.

Deixou sua mão descer devagar até a maçaneta – outra vez, nenhum alarme. Ele esperou para ter certeza, e então girou a maçaneta com muito, muito cuidado. Sentiu um mecanismo destravar. Pendeu a respiração. Nada. Puxou a porta em sua direção e ela se abriu sem esforço. Olhou para além dela, mas seu interior era tão escuro em comparação ao deserto ensolarado do lado de fora que ele não conseguia enxergar nada. Finalmente, quase morrendo de assombro, entrou, puxando a égua atrás de si.

Alguns minutos depois, um vulto que estava sentado fora de vista atrás do afloramento seguinte terminou de esfregar o pó de seu rosto, levantou-se, alongou os braços e as pernas e caminhou em direção à porta, sacudindo as roupas.